

O Oráculo de Delfos

Oráculos Gregos

Os oráculos na Grécia antiga eram chefiados por um deus, com o auxílio de sacerdotes ou pitonisas que atuavam como intérpretes ou veículos de transmissão. O deus habitualmente respondia através de uma sibila, que costumava ficar em recolhimento sagrado. Quando na ausência de sibilas, o som das águas ou do vento poderiam servir como as vozes a serem interpretadas.

Quando havia expressão verbal, a frase era vaga e comportava muitas interpretações. Essa multiplicidade de interpretações possíveis remete exclusivamente a um olhar-se para dentro, pois cada pessoa interpretará uma frase vaga conforme suas vivências, expectativas, medos, pensamentos ou sentimentos conscientes ou não.

Oráculos Importantes na Antiguidade

No antigo Egito existiram Oráculos, bem como em Roma. Os romanos levavam suas dúvidas ao bosque de Albúnea e sua gruta, a Sibila de Cumas, os livros sibilinos e os Oráculos de Fauno e da Fortuna, na localidade de Prenesta.

O mais antigo Oráculo grego que se tem conhecimento é o Oráculo de Zeus, localizado em Dodona. Os mais conhecidos e em maior número eram os Oráculos de Apolo, como o de Delfos (no monte Parnaso) e o Oráculo de Delos (localizado na ilha de mesmo nome).

O Umbigo da Terra

O mundo era (e será) o mundo conhecido. Os oráculos funcionavam, ao lado dos sábios, como fontes de conhecimento e auto-conhecimento. O poeta Murilo Mendes escreveu que “Em Delfos o culto de Apolo atingiu o vértice. Além de contribuir em alto grau para o desenvolvimento da cultura que nasce da religião (o templo apolíneo foi comparado a uma universidade) os sacerdotes souberam fazer render a superstição popular. Instalada na trípole do santuário, movida talvez pela constante ameaça dos tremores de terra e outros fenômenos naturais, a pitonisa caía em transe; os

sacerdotes interpretavam a seu modo o oráculo ambíguo, influenciando assim em todos os setores da vida grega. Foram tantos os tesouros concentrados em Delfos, que muitos séculos mais tarde seus despojos transferidos para constantinopla puderam adorná-la.”¹

A importância do Oráculo Déléfíco na cultura ocidental chegou ao ponto de ele receber o nome de “Umbigo da Terra”, como a representar o centro de todos o nascedouro das idéias e entendimentos do mundo.

Um Ângulo Novo para um Problema Antigo

Podemos desmontar um sofisma, se percebermos que a raiz da formulação induz a erro. A partir desta essência filosófica podemos desenvolver um "Pensamento Paralelo", como postula Edward de Bono² em suas obras sobre criatividade. Ver as coisas de um modo diferente é abase de raciocínios criativos.

Rollo May, a respeito dos Oráculo de Delfos, afirma que “a orientação de Delfos não era conselho no sentido rigoroso da palavra, e sim um estímulo para que o indivíduo o e o grupo se analisassem, consultando a sua própria intuição e sabedoria. Os oráculos colocavam o problema sob um novo ponto de vista, num novo contexto onde possibilidades ainda não imaginadas se tornavam evidentes. É um erro pensar que esses oráculos, bem como a psicoterapia moderna, façam com que o indivíduo se torne mais passivo. Isso significaria erro terapêutico e interpretação falsa dos objetivos do oráculo. Fazem exatamente o contrário; levam o indivíduo a reconhecer as suas possibilidades, trazendo à luz novos aspectos de si mesmos e do seu relacionamento com os outros”³.

A inscrição “Conhece-te a ti mesmo”, apregoada e escrita no próprio Oráculo, fornece, entre tantas, a pista do “saber indiciário” que viria a ser postulado incessantemente por Sócrates e, recentemente, com Conan Doyle, através das “pistas”, geralmente metaforizadas pela trama através da qual as personagens traçavam seus futuros destinos.

Da Dúvida Abstrata à Certeza Pessoal do Pesquisador

¹Mendes, Murilo. Poesia Completa e Prosa. Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Pág. 1056.

²

³May, Rollo. A Coragem de Criar. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Pág. 110.

Quanto mais subjetivo o tema, maior o número de hipóteses cabíveis. Mas é extramente provar que uma das hipóteses é a verdadeira, do mesmo modo que é difícil desqualificar totalmente uma suposição dialética. Mesmo frases e axiomas ditos e repetidos há séculos podem possuir uma leitura contraditória válida. Especialmente se a frase contém limites totalizantes como "todo o indivíduo..." ou "nunca..."

Um dos exemplos dialéticos mais contundentes que se conhece é o de Sócrates. Mesmo em seu julgamento, ele opta por uma defesa verbal contida. (Já recusara o exílio). E, sabemos, ele mais do que ninguém poderia vencer os oponentes em um duelo dialético. Mas era sábio o suficiente para saber que, a partir daquele ponto já não eram os argumentos os gerenciadores da decisão, e sim as verdades prévias dos juízes. Murilo Mendes também afirma que “além das notícias de Plutarco e Heródoto sobre a importância do oráculo delfico, possuímos referências de Platão em vários tratados. Mas o texto capital encontra-se na Apologia ou Processo e morte de Sócrates, onde se revela a influência decisiva que a resposta do oráculo a seu amigo Círculo exerceu no pensamento do filósofo que, depois de um inquérito feito a homens de várias classes, reconheceu os limites da ciência humana. O ambiente de Delfos provocou portanto uma passagem dialética fundamental da cultura grega: da dúvida abstrata à certeza pessoal do pesquisador.”⁴

⁴Mendes, Murilo. Poesia Completa e Prosa. Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Pág. 1057.